

Museus, um lugar possível na educação não formal – a experiência do grupo *Faz 15-25*

Joana Barroso Hortas *

Maria João Barroso Hortas **

Universidade Católica Portuguesa *

IPL- Escola Superior de Educação **

joanabhorts@gmail.com *

mjhorts@eselx.ipl.pt **

Resumo

Os museus proporcionam oportunidades de aprendizagem que dificilmente encontramos nos espaços formais de educação. A decisão de entrar num museu corresponde à disponibilidade para aceder a um conjunto de informação e de recursos únicos. Importa, pois, compreender as potencialidades dos espaços de museu, enquanto palcos de aprendizagem e interpretação ativos, que podem proporcionar uma experiência lúdica e conduzir na descoberta de novas temáticas.

O acesso ao conhecimento que um espaço de museu nos disponibiliza pode ser melhorado pela possibilidade de participação em atividades diversas, previamente planeadas, com vista à valorização dos públicos que acolhe. Neste sentido, os museus são lugares particulares para uma “aprendizagem no momento” (Reeve, 2002). Cabe aos Serviços Educativos dos museus compreender a diversidade de públicos que acolhem e as solicitações que destes podem advir, encontrando respostas criativas que permitam disfrutar do ambiente do museu como instituição de carácter cultural e educativo.

A experiência que mobilizamos para esta reflexão resulta de uma participação, enquanto elemento do coletivo de jovens, associado ao Museu Arpad Szenes - Vieira da Silva. O grupo *Faz 15-25* constituiu-se num museu que até a data não dispunha de um Serviço Educativo organizado. Associada a esta fragilidade, a escassa percentagem de jovens que frequentava o museu, fora de contexto escolar, foi também motivo para repensar as respostas educativas e estudar as possibilidades de captar novos públicos. O caso apresentado, que arriscamos classificar de inovador em Portugal distingue-se, também, por fugir ao preconceito que liga estes serviços apenas a um público infantil e planeamento de visitas para escolas.

A ideia subjacente à criação deste coletivo desenha-o como um grupo aberto a todos os jovens, entre os 15 e 25 anos, que manifestem interesse pelas diversas áreas da cultura,

independentemente do seu estatuto económico e académico. Pretende ser um espaço de partilha no âmbito da cultura, sensibilizando esta faixa etária para a apropriação do museu, contactando com os profissionais e integrando-se nas atividades.

Palavras chave: democratização da cultura, museu, educação não formal, coletivo de jovens, serviço educativo.

Abstract

Museums are a space that allow unique leanings, which can not be found in formal spaces of education. The option of entry on a museum on it self affirms availability to access to one of a kind information's and resources. Therefore, it is important to understand the potential museums can have a stages of learning and interpretation, and also allowing ludic experiences and instigate curiosity.

The learning experiences in a museum can be improved by the diverse activities a museum can develop and offer to their public. Therefore, museums are particular spaces for a "learning in the moment" (Reeve, 2002). It is given to the Educational Services the mission of understanding the public diversity and their needs and interests, trying to find answerers that let people to enjoy an institution of cultural and educative character.

The case-study mobilized in the following paper is a result of a participation in teens museum group in the Museu Arpad Szenes - Vieira da Silva. The group FAZ 15-25 was developed in a time where the museum did not had an educational service team. In addition, the museum had a low frequency of young people, outside school context, also a motive to rethink answerers to capture the attention of new publics. The case presented, which we risk to call innovator in Portugal, distinguish it self to be an activity to a public often forgotten by the educational services, usually related only with school visits and children activities.

The idea implied in the creation of the group is to be open to all young people, between 15 and 25 years old, that have interest in diverse areas of culture, independently of economic status or academic formation. Intending to be a space to share in the area of culture, mobilizing young people to the museum and it's activities and connecting with professionals in the area.

Keywords: culture democratization, museum, non-formal education, teens group, educational services.

Introdução

O sector cultural tem sofrido diversas mutações ao longo da história. A abordagem à democratização do conhecimento remonta, na Europa, ao século XIX. Porém, revia-se apenas num ensino praticado pelas elites e que se focava na importância de hierarquias e da ordem do mundo e da cultura (Pachter & Landry, 2001).

A democratização do acesso à cultura tem vindo a afirmar-se como uma prioridade do mundo ocidental, situação que também se revê nos públicos e nas dinâmicas vividas nos espaços de museu. Perante os novos públicos surgem outros desafios, exigências e centros de interesse.

Aos museus, são solicitadas “novas” missões como espaços de aprendizagem, de sociabilidades e de lazer, que colocam em causa a identidade que anteriormente os identificava como espaços de exposição do acervo ou de uma temática específica, também associados à investigação. A promoção do conhecimento é hoje um desafio importante para os museus, e que apela à criatividade no uso dos recursos de que dispõe. Numa sociedade onde se propõe um livre acesso a cultura, e onde a oferta de entretenimento tão vasta, os museus necessitam de se recriar. Como espaços de lazer e sociabilidade, como instituições que trabalham com e para a sociedade, espera-se que sejam capazes de desencadear importantes contributos no desenvolvimento do pensamento crítico, da interação e confronto de ideias.

É esta missão que desafia hoje os Serviços Educativos de museu a um reposicionamento do seu papel enquanto espaços de múltiplas potencialidades para os públicos que os procuram e para as comunidades em que se inscrevem.

É neste contexto, de reposicionamento e resposta aos desafios da contemporaneidade por parte dos serviços educativos de um museu, que situamos o caso de estudo do Grupo FAZ 15-25. Um coletivo de jovens que se apropria de um espaço de museu, contactando com profissionais e envolvendo-se em atividades que permitem o desenvolvimento de competências pessoais, como o trabalho em equipa, a organização/planificação, a responsabilidade, a comunicação e interação com os públicos.

Com o objetivo de dar resposta às várias dimensões anteriormente enunciadas, organizamos o presente estudo em três partes: (i) a democratização da cultura; (ii) o museu enquanto espaço de conhecimento e sociabilidades, desafios aos serviços educativos; (iii) o Grupo FAZ 15-25, génese, missão e vivências de um coletivo de jovens.

Sobre a democratização da cultura e das instituições culturais

Em 1946 a fundação "Arts Council of Great Britain" tentava popularizar o acesso às artes, limitado a uma elite erudita, insistindo na ideia de um sector cultural para todos e a que todos devem ter acesso⁴⁷. No pós II Guerra Mundial a cultura passa a ser algo mais democrático e natural para toda a população, em grande parte pelo mais fácil acesso por parte de uma faixa mais alargada, com a produção cinematográfica, musical ou outras formas de arte a chegarem a um público mais vasto. O acesso à cultura intensifica-se significativamente (Pachter & Landry, 2001) assim como a ideia de acesso universal à cultura se estende às instituições mais clássicas, onde se incluem os museus.

⁴⁷ <http://www.artscouncil.org.uk/who-we-are/history-arts-council/>

Nos anos 60, nos países anglo-saxónicos, a institucionalização das políticas culturais, relacionada com o crescimento do estado social e a garantia do bem-estar e igualdade para todos, reforça a preocupação com um sector cultural acessível a toda a população (Barbieri, 2015). Simultaneamente, à cultura começa a ser atribuído um papel potencializador de melhorias a nível político-social e económico, e o seu protagonismo é crescente (Yúdice, 2003). Na segunda metade do século XX, a cultura é olhada numa perspetiva mais "instrumental", destacando-se o papel que pode desempenhar em estratégias políticas para o desenvolvimento social, uma situação que levou à avaliação recente da prioridade dada ao sector cultural (Pachter & Landry, 2001).

Um dos momentos decisivos para a afirmação do sector da cultura decorre de uma realidade prática, quando no Reino Unido se compreendeu que indústrias culturais, como o caso da música, têm retornos financeiros e níveis de exportação maiores do que a indústria automóvel (Landry, 2013). O autor sublinha ainda a importância da mudança de mentalidade em relação ao sector na compreensão do seu verdadeiro peso e valor. Anteriormente visto em fragmentos (música, dança, pintura, design etc.), passa agora a ser olhado como um todo e compreendido nas suas inúmeras interligações.

Será na década de 80, no Reino Unido, que em resposta à depressão em indústrias de manufaturas o investimento é reorientado para as áreas da cultura, até então pouco exploradas. Uma estratégia iniciada em Sheffield dava maioritariamente atenção aos museus e bibliotecas, tentando combater o desemprego local e promover a economia através da valorização e criação de postos de trabalho nestas instituições (Pratt, 2014). As iniciativas no sector cultural aumentam e diversificam-se mais nessa década, como ilustra o Garden Festivals⁴⁸ no Reino Unido (Pratt, 2014).

Hoje, a cultura pode então ser valorizada e usada como um recurso, um sector de investimentos e criação de emprego, que vende bens e experiências. Desde as formas tradicionais de arte, à tecnologia de ponta ou a um festival de música, compreendendo todo o valor associado, não apenas o estético, mas também o histórico, o simbolismo ou representação de culturas (Yúdice, 2003). O sector da cultura e criatividade começa também a crescer na definição das políticas económicas de algumas cidades ocidentais, podendo revelar-se como um sector importante para o desenvolvimento das cidades e mesmo de outros sectores de atividade (Mateus, 2010; Landry, 2000). Porém, um produto cultural também tem uma lógica simbólica e um impacto que não pode ser trocado ou analisado numa perspetiva apenas monetária. Este tem o seu espaço próprio, e é importante compreender o valor da cultura enquanto motor do desenvolvimento local e social.

O museu: espaço de conhecimento, lazer e sociabilidades

O conceito e função do museu também tem vindo a sofrer alterações ao longo do tempo. Esta que é uma das instituições com mais história do sector cultural teve de saber acompanhar as suas tendências. As coleções de belas-artes foram durante anos algo privado, limitado a quem as compra e a quem era convidado a ver, reservando-se este privilégio a uma

⁴⁸ festival urbano realizado em Jardins onde existem mostras de arte, inicialmente promovidos em áreas industriais que nas décadas de 80 e 90 viviam fortes problemas de desemprego.

elite com possibilidades financeiras. Somente no final do século XVIII, se abrem as possibilidades de acesso público às coleções, culminando no surgimento de grandes museus nacionais, estruturas e funcionamentos que continuavam a não ser as mais atrativas para uma população ainda com fortes carências educativas e uma sociedade marcadamente estratificada (Santos, Morais & Andrade, s.d.).

Hoje o museu tenta estar mais próximo da sociedade, ser um espaço aberto que procura responder às novas dinâmicas culturais, locais e globais, nomeadamente a concorrência da indústria do entretenimento e a necessidade de responder num mundo global, onde uma das exigências do público se prende com a procura de novas experiências e a oportunidade de realizar novas atividades e novas aprendizagens (Oliveira, 2013).

O International Council of Museums (ICOM) define museu como a “non-profit, permanent institution in the service of society and its development, open to the public, which acquires, conserves, researches, communicates and exhibits the tangible and intangible heritage of humanity and its environment for the purpose of education, study and enjoyment”⁴⁹. Nesta perspetiva, o espaço de museu não perde a sua missão mais clássica de preservação e exposição do acervo ou da temática sobre a qual o museu se debruça, assim como de lugar privilegiado para a investigação (Senha, 2010). Porém, pode assumir-se como um lugar para o desenvolvimento do conhecimento, do pensamento crítico, da interação e de confronto de ideias; como um espaço de lazer e sociabilidade; como uma instituição que trabalha com e para a sociedade. Idealizamos assim o museu como um espaço dinâmico, disponível a evoluir com a sociedade e a procurar o seu lugar e estratégias para atrair públicos diversos.

A associação imediata dos seus usos a uma dimensão material, que começa e acaba no seu espaço e acervo, tem vindo a ser ultrapassada por novos paradigmas que encontram múltiplas potencialidades e dimensões na missão dos museus. Limitando ainda o olhar ao espaço restrito do museu, esquecemos o papel que esta instituição de cultura pode desempenhar junto da comunidade em que se insere e na atração de novos públicos, dentro e fora dos seus espaços, sendo que muitos acervos são hoje expostos fora da instituição museológica e em espaços “mais improváveis”, como centros comerciais ou no meio da rua, gerando um contacto privilegiado com a população (Oliveira, 2013). Posicionamos assim o museu como um espaço aberto, inscrito num território particular e numa comunidade, com os quais deve estabelecer dinâmicas que o projetem para o exterior e potenciem novas funções sociais.

Esta dimensão social dos museus foi particularmente valorizada pelas novas diretivas da UNESCO (2015)⁵⁰ para os museus. Como palcos de encontro de comunidades diversas os museus podem desempenhar perante o bairro e em articulação com este um papel fundamental na viabilização de oportunidades que assegurem os percursos de integração do seu público.

⁴⁹ - <http://icom.museum/>

⁵⁰http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/images/Final_Text_of_Draft_recommendation_EN_02.pdf.

Outras missões possíveis do museu

Do ponto de vista pedagógico, a uma valorização da diversidade de experiências e saberes dos alunos, construídos em contextos formais, não formais e informais de educação, é também fundamental uma abordagem articulada e interativa, territorialmente integrada, que mobilize de forma concertada diferentes parceiros (Canário, 2005).

O consenso em torno do reconhecimento das possibilidades de aquisição de habilitações conhecimentos e competências fora da educação e sistema de aprendizagem formais (Werquim, 2008), conjugado com a emergência à escala local de instituições de natureza diversa que atuam no sentido da educação e formação das populações, desafiam os museus a um reposicionamento do seu papel enquanto espaços de múltiplas potencialidades para as comunidades em que se inscrevem.

A revisão da literatura em torno da construção do conceito de educação não formal conduziu-nos para uma definição do mesmo conjugando a perspetiva de Pinto (2008), como qualquer atividade educativa organizada e sistemática desenvolvida fora do enquadramento do sistema formal com o objetivo de promover diversos tipos de ganhos para subgrupos particulares de população, tanto adultos como crianças, e a proposta de Trilla como o conjunto de processos, meios e instituições específicas e diferencialmente desenhadas em função de objetivos explícitos de formação ou instrução, que não diretamente dirigidos à provisão de graus próprios do sistema educativo regulamentado (Lopes, 2008).

Um museu aberto deve estar capacitado a receber visitantes de forma indiscriminada, devendo responder a públicos com diferentes formações académicas, situação económica ou faixa etária (Robinson, 1999). Um espaço que tem que conseguir acompanhar as alterações e desenvolvimento na área e fora desta. Tendo, portanto, que responder às exigências decorrentes das sociedades que serve e concorrer com a enorme oferta que hoje existe na indústria do lazer. Os objetos musealizados encenam o diálogo e, ao mesmo tempo, ocupam um espaço a ser descoberto, ocupado, revelado” (Pereira, 2009 in Santos, Morais & Andrade, s.d.)

Será, nesta perspetiva, que tentamos compreender hoje o papel de um dos departamentos centrais de uma instituição museológica. Os serviços educativos (SE), que devem trabalhar para o público e de forma a responder às exigências de todos os potenciais visitantes. Sendo os serviços responsáveis pela aproximação entre as populações e a instituição museológica, devem para tal posicionar-se como elementos dinâmicos dentro da comunidade em que estão inseridos (Sandell, 2002). Uma missão nem sempre fácil, pela própria dimensão que a missão comporta, pelas limitações do espaço e as regras dentro deste e ainda pelos recursos financeiros que são necessários (Oliveira, 2013).

Em Portugal os SE surgem em 1953 no museu de Arte Antiga de Lisboa, com João Couto e Madalena Cabral. Marcando uma mudança nos museus portugueses e tendo sido uma iniciativa bem acolhida, logo em 1965 um decreto de lei (Decreto-Lei n.º 46758, artigo 25.º) regulamentou que os museus e seus técnicos teriam a obrigação de organizar visitas guiadas aos seus acervos. Um passo relevante nesta "nova" missão que era atribuída aos museus: ser um lugar para aprendizagens não formais para todos os visitantes, "tornam coleções acessíveis

sob várias formas, produzindo exposições e organizando programas de aprendizagem" (Zipline, 2015).

Apesar de inovador em Portugal, este seria um serviço já comum noutros museus europeus. Mesmo com as alterações na lei e esta nova dimensão a surgir, demorou até que se conseguisse verdadeiramente instaurar em Portugal (Moura, 2011). Os públicos continuavam a ser elitistas e a ver no museu apenas a sua missão de conservar e expor o acervo, sendo mesmo raro incentivar exposições temporárias, surgindo muitos serviços educativos na margem da missão do museu e com pessoas sem formação para este (Moura, 2011). Neste período das décadas de 70 e inícios de 80, a fundação Calouste Gulbenkian assume o grande destaque na formação de um serviço educativo relevante e com funções próprias e inseridas no museu.

A investigação foi crescendo nos espaços de museu, e a componente educativa deste passou a ser ressaltada. Todavia, durante muitos anos os serviços educativos iriam ficar apenas associados às visitas guiadas para as escolas dos diversos graus de ensino. Excluía-se nesta visão grande parte das atividades de que estes serviços são hoje encarregues ou solicitados a desempenhar.

Os anos 90 marcaram uma nova época no percurso dos museus e exposições em Portugal, surgindo várias exposições temporárias na década com enorme afluência dos mais diversos públicos (Moura, 2011). Deste modo, era quebrado o mito do museu para as elites. A nível dos serviços educativos, foi também nesta década que surgiram os primeiros encontros de profissionais, tentando definir o trabalho e a missão que tinham no museu. A este respeito, destaca-se a conclusão de um encontro dos Museus de Setúbal "Encontro Nacional de Museologia e Educação" realizado em 1995, em que ficou acordado que os serviços educativos tinham de trabalhar com o museu, não sendo apenas um complemento da escola, mas devendo estar abertos a todos os sectores da sociedade, "O SE não deve ser confundido com a escolarização dos museus. Cumpre-lhe ser mediador entre a coleção e os diferentes 10 sectores da comunidade" (Moura, 2011:9).

Em 1999 um novo decreto de lei declara exatamente que estes serviços deveriam ter um papel social, cultural e educativo, devendo prestar atenção à missão do museu, mas também ao território em que este se insere. Neste seguimento, na viragem do século, o museu adapta-se a estas novas exigências. Os públicos são uma questão central, o acervo e o museu existe para o público.

A função dos SE e mesmo dos museus vai então alterar-se muito nesta década, acompanhada de estatutos legais que parecem compreender melhor as funções deste serviço, uma vez que em 2003 mais de metade dos museus não tinha um SE. Hoje, mantém-se preconceitos (como o associar dos SE apenas a crianças e escolas), e com uma breve análise das informações disponibilizadas *on-line*, inferimos que faltam equipas, muitos sites de museus em Portugal nem referem a existência de um serviço educativo ou apresentam atividades limitadas (e muitos SE funcionam apenas com um técnico), situação que provavelmente decorre da falta de meios financeiros e da existência de uma formação específica.

Muitos museus continuam hoje a não conseguir atrair algumas faixas etárias entre o seu público, nomeadamente jovens e populações seniores, apesar do aumento do número de entradas nos últimos anos, sobretudo devido à maior afluência de turistas (Direção-Geral do Património Cultural)⁵¹. Esta capacidade de atração pode e deve ser também impulsionada pelos SE, responsáveis por criar programas e projetos que “chamem” os públicos aos museus e pelo investimento na criação de laços que desencadeiem uma maior assiduidade e espontaneidade na realização destas. Porém, são necessários recursos financeiros e uma equipa alargada, para criar programas específicos, investindo na museografia didática (conhecimento e usos do acervo) para comunicar com o público, e compreender melhor o papel que o mediador e o serviço podem desempenhar junto daquele público e do seu museu em particular.

O caso do projeto FAZ 15-25

É neste contexto de compreensão total da potencialidade dos SE de museu, que surge o Grupo FAZ 15-25. Um Grupo dirigido a todos os jovens entre os 15 e 25 anos, sem restrições decorrentes da formação académica ou de qualquer outra natureza. Trata-se de uma faixa etária que nem sempre é atraída para o museu fora de contexto escolar e que comporta jovens muito diferentes, quer seja pelos momentos em que se encontram no seu percursos académico (ensino secundário, universidade, etc) quer, também, por se tratar de um grupo que envolve diferentes maturidades e experiências de vida (Chagas et al., 2010).

Inserido no *Museu Viera da Silva - Arpad Szenes*⁵², um museu criado na década de 90, localizado no centro da cidade de Lisboa e com um acervo muito importante de uma das artistas mais relevantes do séc. XX. Este museu, com o estatuto de fundação, tem estatuto privado, mas é considerado de utilidade pública, recebendo um subsídio anual do estado. Tem a missão de expor as obras de Viera da Silva e de outros artistas contemporâneos, sendo-lhe ainda atribuída a missão de promover investigação e documentação sobre artistas plásticos contemporâneos, em particular Vieira da Silva e o seu marido, bem como promover publicações e outras formas de produção do conhecimento na área artística e cultural (como colóquios).

Todavia, o museu não possui um SE. Nos seus estatutos, decretados pelo governo no momento da sua abertura e ainda hoje em vigor, não se encontram referências aos SE, registando apenas que a instituição é responsável pelo desenvolvimento da cultura e educação artísticas (que se prevê através de investigações, públicos e colóquios). Temos, portanto, um SE que surge à parte da equipa do museu. Existem técnicos incumbidos de funções específicas, mas não uma equipa que se dedique inteiramente a desenvolver atividades neste serviço. Tratando-se, pelos motivos que apresentamos, de uma resposta ainda muito pontual.

Entre as atividades desenvolvidas destacam-se as vistas guiadas organizadas, com ligação às escolas e a grupos seniores (como os amigos do Castelo, entre outros). Todavia, são os

⁵¹ -<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/museus-e-monumentos/dgpc/estatisticas-dgpc/>

⁵² <http://fasvs.pt>

jovens, fora do contexto escolar, que estão em esquecimento neste museu e que frequentemente o desconhecem.

A forte concorrência da indústria do lazer, que oferece hoje as mais variadas oportunidades aos jovens, é uma das razões que se avança para esta pouca afluência. Porém, a falta de contacto e trabalho com este público em específico é também uma forte razão, sendo neste âmbito que a existência de um serviço educativo organizado deve assegurar uma resposta eficaz.

Neste contexto, surge o grupo *FAZ 15-25*, criado por Filipa Alves de Sousa, técnica no museu. Consciente da lacuna existente, esta técnica cria um Grupo para acolher este público particular que não frequentava o museu. Com uma programação específica, o Grupo que integra apenas jovens com idades entre 15 e 25 anos, acabou por acolher mais de 80 jovens no seu primeiro ano, continuando a crescer e a atrair outros jovens.

Compreendemos, então, que a ideia de ter um serviço educativo que prepara algo individualizado, neste caso específico, para um grupo particular de jovens, é desde logo uma mais valia para o museu que assim vê a possibilidade de receber mais visitantes. E, inclusive, ter um grupo de jovens que partilha uma experiência positiva, com interesse em estar associado ao museu e trabalhar com este.

O Grupo pretende ser, sobretudo, um espaço de conversa entre jovens sobre a área cultural e criativa, sensibilizando esta faixa etária muitas vezes afastada dos museus e da cultura, reunindo com uma periodicidade quinzenal para discutir e planificar as suas atividades. Entre as atividades desenvolvidas pelo Grupo também está previsto o contacto com profissionais do sector, através de conversas informais no espaço do museu (atividade denominada *Conversas com Eles*)⁵³. Um contacto muitas vezes difícil de conseguir fora deste contexto e que permite compreender melhor muitas questões, com as quais os profissionais da área lidam, assim como o percurso profissional por estes desenvolvido, compreendendo melhor o trabalho e todos os profissionais envolvidos também se ganha mais perceção do trabalho por de traz de uma instituição museológica, acabando por quebrar algumas barreiras.

*"Nas Conversas com Eles temos oportunidade de falar com pessoas da área cultural e artística e há uma enorme partilha de experiências e aprendizagem do mundo real, entre outras." (Teresa, 22 anos – Estudante de Licenciatura em Estudos Artísticos); Comecei por ir a uma sessão Conversa com Eles com uma (...) Quanto às mais-valias do projecto, acima de tudo experiência, a diferentes níveis, e oportunidades de formação gratuita ou com desconto associadas ao networking no mundo artístico." (Paula, 24 anos – Licenciada em História de Arte)*⁵⁴.

O Grupo dinamiza ainda atividades que permitem uma interação única com o sector, possibilitando o envolvimento e o trabalho em questões até então reservadas aos técnicos do museu. Destacam-se neste âmbito as visitas guiadas para públicos não especializados,

⁵³ - Conversas informais num espaço do museu que contava com profissionais da cultura e das artes, pretendendo se um espaço de troca de ideias, compreensão de percursos e criação de networks.

⁵⁴ - <http://www.mouseion.pt/2014/12/o-lugar-dos-jovens-nos-museus-marta-ornelas/>

organizadas pelos membros (atividade *Conversas Connosco*⁵⁵) e ainda a organização de eventos (como festas ou conferências) tendo em conta as regras e a agenda que o museu apresenta. O envolvimento nestas atividades permite o desenvolvimento de competências pessoais, como o trabalho em equipa, competências de organização/planificação, comunicação e trabalho direto com o público e responsabilidade. Competências que podem ser desenvolvidas em contextos de educação não formal na perspectiva dos autores anteriormente apresentados (Pinto, 2008; Lopes, 2008; Werquim, 2008).

O Grupo funciona ainda como um espaço promotor do desenvolvimento de uma vasta rede de contactos entre jovens, e futuros trabalhadores, que podem ou não estudar/trabalhar nos contextos de cultura e criatividade, mas que tem alguns interesses em comum e têm ali um espaço para partilha-lo. Alguns membros do grupo destacam ainda a importância de ter aquele espaço para expor ideias, e onde é incentivada a conversão e a troca de ideias, acreditando que é importante ter assim um espaço mesmo que nem todas as propostas sejam levadas para a prática⁵⁶. Pretendendo também desenvolver sensibilidade e interesse na área cultural.

“Aquilo que considero fulcral no FAZ é a bagagem que nos dá, não só a nível de responsabilidade, pois temos de contactar com o público, mas também ao nível do trabalho em grupo, que não é uma coisa a que esteja propriamente habituada. Para além destes fatores, foi muito bom encontrar pessoas com os mesmos interesses que eu e com vontade de mudar aquilo que são os museus em Portugal atualmente. O FAZ trouxe mais à minha vida do que eu esperava, para além da vontade de fazer coisas diferentes no âmbito museológico, trouxe-me amigos.” (Margarida, 22 anos – Mestranda em Museologia)⁵⁷.

Atrair jovens para os museus fora do contexto escolar, numa sociedade em que são múltiplas as oportunidades de lazer e aprendizagem para as quais estes são facilmente convocados sem saírem de casa, revela ser um grande desafio. Porém, uma atividade especializada e que trabalha para este público (como o caso do *FAZ 15-25*), conseguiu atrair cerca de 80 participantes inscritos e ainda outros participantes indiretos que foram atraídos pelas atividades que o grupo promovia.

“Nós somos um grupo de jovens que quer mudar e dinamizar esta ideia de Museu que há em Portugal e aqui nós temos um sítio onde somos ouvidos e apoiados nas nossas ideias. O Museu acaba por ganhar com isso, já que nós fazemos de tudo para atrair todos os tipos de públicos, principalmente os jovens como nós.” (Teresa, 22 anos – Estudante de Licenciatura em Estudos Artísticos)⁵⁸.

Deste Grupo resultaram ainda outras atividades, igualmente desenvolvidas por alguns membros, mobilizando as competências e os contactos que foram angariando ao longo do

⁵⁵ - Atividades desenvolvidas pelos membros do grupo, em equipa ou individuais, que apostavam no desenvolvimento de visitas guiadas para públicos não-especializados e que os membros do Grupo eram responsáveis por encontrar informação e organizar todas as necessidades de uma visita.

⁵⁶ - <http://www.mouseion.pt/2014/12/o-lugar-dos-jovens-nos-museus-marta-ornelas/>

⁵⁷ - *Ibidem*

⁵⁸ - *Ibidem*

tempo, é o caso do ciclo de conferências *Repensar Museus*⁵⁹. Em alguns momentos foi ainda possível um apoio ao trabalho individual de alguns jovens artistas, membros do grupo em início de carreira, nomeadamente em exposições ou atividades próprias.

A apresentação que acabámos de fazer, sobre a experiência do *FAZ 15-25*, centrada no modo como este Grupo se organiza, nos seus objetivos, nas atividades que implementa e nas competências que desenvolve, parece aproximar-se do conceito de Comunidade de Aprendizagem, na perspetiva apresentada por alguns autores. Apesar de não ser nossa intenção inicial discutir este conceito, pois o que nos mobilizou na escrita deste artigo foi compreender a intervenção deste Grupo para um novo olhar sobre os espaços de museu enquanto locais de aprendizagem, de diálogo e de descoberta (Pereira, 2009 in Santos, Morais & Andrade, s.d.), o percurso que desenvolvemos até aqui e as conclusões que fomos apresentando permitem-nos avançar com esta possibilidade, a construção de uma Comunidade de Aprendizagem em espaço de museu.

Numa visita breve sobre a revisão da literatura em torno do conceito “comunidade de aprendizagem” feita por Catela (2011), identificamos algumas referências que a autora mobiliza e que se aproximam das características e âmbitos de intervenção deste Grupo. O primeiro conceito, de Kilpatrick, Barrett, e Jones caracteriza uma comunidade ideal de aprendizagem do séc. XXI:

Learning communities are made up of people who share a common purpose. They collaborate to draw on individual strengths, respect a variety of perspectives, and actively promote learning opportunities. The outcomes are the creation of a vibrant, synergistic environment, enhanced potential for all members, and the possibility that new knowledge will be created (Catela, 2011, p.35).

O segundo, de Benson, coloca ênfase na forma de organização/colaboração entre os membros que compõem o grupo:

A community of learners is a group of people who support each other in their collective and individual learning. They are cooperative and can work productively together. Individually, they are motivated and strive to do quality work. Since they know they are going to be encouraged to take risks and be supported if they do not succeed the first time they try something new, they challenge themselves, and they view mistakes as learning experiences which will make their later attempts successful. A community of learners can include all levels of learners, because everyone is learning, not competing. And, best of all, a true classroom community of learners allows the teacher to learn as well as the students (Catela, 2011, p.35).

Em síntese, o projeto do Grupo, pretende dar uma nova vida aos espaços de museu, mobilizando jovens entre os 15 e 25 anos, de origens socioeconómicas diversas e em diferentes momentos do seu percursos académico, que através de metodologias de trabalho colaborativas, baseadas no diálogo e reflexão entre todos, constroem ambientes de

⁵⁹ Um ciclo de conferências dedicado à temática dos museus, sendo que cada conferência desenvolve um tópico com 3 ou 4 convidados. Decorre em diferentes espaços museológicos em Lisboa, os organizadores eram membros do grupo sem no entanto esta ser uma atividade do grupo.

aprendizagem sustentados na partilha, no respeito e na descoberta, inserindo-se em espaços de acesso à cultura que até então pouco conheciam.

Muitos dos benefícios apresentados, que decorrem da pertença a este grupo para os jovens nele envolvidos, vão ao encontro das conclusões avançadas no relatório *The lasting impact of intensive teen programs in art museums (2014)*⁶⁰, que analisou um projeto semelhante desenvolvido nos Estados Unidos da América nos anos 90 e que, pela distância temporal, permite fazer já uma análise do impacto que teve a longo prazo. Entre as apreciações que fazem, destacam-se o crescimento pessoal, o desenvolvimento do sentimento de segurança, da capacidade de arriscar e de expor ideias, em parte por terem estado próximo de artistas e técnicos de museu que frequentemente trabalham com o risco e questionam o seu trabalho, sendo também frequentemente alvo de críticas. Também o desenvolvimento de sentido de liderança e de responsabilidade é uma das mais valias que estes jovens identificam, uma vez que se trabalha com o risco e se aprende com os erros, ao mesmo tempo que é importante saber responder aos desafios e à novidade da melhor forma possível. É também destacada a função do museu como espaço de sociabilidade, muitos mantiveram os contatos com os membros do grupo mesmo passado todos estes anos.

Um grupo significativo refere ainda ter desenvolvido maior sensibilidade para a área da cultura e das artes, sendo frequentadores assíduos de museus, teatros ou outras formas de exposição à cultura, acreditando que foi este tipo de trabalho no museu que quebrou barreiras e desmistificou muitas interrogações sobre o trabalho de todos os profissionais envolvidos num espaço museológico e cultural, criando o sentimento que aquele era um espaço acessível a todos.

Nos benefícios para o museu é possível destacar as vantagens que existem em acolher jovens, que participam na programação ou na organização de eventos, contribuindo com novas perspetivas. Também são estes os melhor posicionados para compreender as exigências e expectativas que outros jovens têm para com aquele espaço. Deste modo, o SE dispõe de recursos particulares para melhor adequar os seus programas a um público jovem. Para os profissionais do museu é um desafio responsabilizar estes jovens, pela importância e valor do acervo, mas também pela reputação e rigor como espaço de aprendizagem que caracteriza o museu. Porém, enfrentando desafios e riscos, estes aprendem também a tornar o espaço mais inovador, potenciando-o para a atração de novos públicos e aproximando-o dos seus visitantes.

Conclusão

O museu, como espaço que serve a sociedade, deve afirmar-se como um lugar privilegiado para a aprendizagem e contacto, proporcionando possibilidades únicas também para o desenvolvimento de uma sensibilidade cultural e para a sociabilidade. Sendo um espaço dedicado, por norma, a todas as idades e grupos com diferentes *backgrounds* e motivações, o trabalho dos profissionais de museu torna-se complexo e exigente.

⁶⁰ http://whitney.org/file_columns/0009/7558/room-to-rise.pdf

Os jovens são muitas vezes abordados como um não-público, um dos públicos mais difíceis de trazer espontaneamente ao museu, fora de um contexto escolar. Provavelmente, é na natureza das atividades disponibilizadas e na falta de iniciativas específicas para esta faixa etária que residem algumas das justificações para o seu afastamento. Na tentativa de contrariar esta situação, alguns museus têm proposto atividades dirigidas a este público, destacamos os coletivos de jovens como uma atividade já comum em museus europeus e norte-americanos.

Em Lisboa o FAZ 15-25 surge no Museu Vieira da Silva-Arpad Szenes, numa tentativa de aproximar o museu dos jovens. Este tipo de iniciativa tem-se revelado uma mais valia para a realização de aprendizagens individuais (como a responsabilidade, comunicação ou organização), em momentos de atividades práticas, mas também através do contacto com profissionais da área. Todavia, uma das maiores mais valias é a mudança na conceção de museu para os jovens. Este surge agora como um espaço que é melhor compreendido nas suas funções e, deste modo, revela ser mais atrativo, quebrando-se para este grupo a barreira criada pela imagem de um espaço “inativo”, reservado exclusivamente à exposição de um espólio ou aprendizagem “passiva” de determinada temática.

Para o museu, uma das vantagens mais imediatas é poder contar com um grupo de jovens envolvidos nas suas atividades, com efeitos multiplicadores na atração de novos públicos, também eles jovens. A longo prazo, este grupo desenvolve por norma maior sensibilidade cultural e predisposição para frequentar os espaços de museu, competências que podem mobilizar ao longo da vida.

Em suma, este tipo de iniciativas traz vantagens para as duas partes, a curto e a longo prazo. Sendo uma resposta à necessidade de trabalhar com os públicos de forma individualizada, permite também construir o caminho da democratização do acesso à cultura, motivando o contato com este tipo de instituições, que oferecem aprendizagens que são únicas e um importante complemento do conhecimento construído nas instituições de ensino de natureza mais formal.

Referências Bibliográficas

- Barbieri, N. (2015). A Legitimidade das Políticas Culturais. Em Costa, P. (coord.), Políticas Culturais para o Desenvolvimento - Conferência ARTEEMREDE (pp. 24-38). Santarém: ARTEEMREDE.
- Canário, R. (2005). *O que é a escola?* Porto: Porto Editora.
- Catela, H. (2011). Comunidades de Aprendizagem: em torno de um conceito. In, *Revista de Educaçao*, XVIII (2), 31 – 45. Disponível em: http://revista.educ.ie.ulisboa.pt/arquivo/vol_XVIII_2/artigo2.pdf.
- Chagas, M., Studart, D., Vieira, A., Faria, A., Amaral, A., Costa, P. & Soares, N. (2010). Museus e Público Jovem: percepções e receptividades. *Revista eletrônica do Programa de Pós*

Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio Mast, 49-66. Disponível em:
<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/94/120>

- Landry, C. (2000). *The Creative City - A toolkit for Urban Innovations*, Londres: Earthscan.
- Landry, C. (2013), Lisboa-Economia Criativa: Charles Landry, promovido pela Câmara Municipal de Lisboa. Disponível em: <https://vimeo.com/68842416>.
- Lopes, M. S. (2008). *Animação Sociocultural em Portugal*. Intervenção. Amarante: Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Mateus, A. (coord.) (2010). *O Sector Cultural e Criativo em Portugal*, estudo para o Ministério da Cultura (gabinete de planeamento, estratégia, avaliação e relações internacionais).
- Moura, C. (2011). *O Pulsar de Meio Século 1953 – 2011 Historial crítico sobre os Serviços Educativos dos Museus do Estado*. Disponível em: http://icom-portugal.org/multimedia/CECA_Catarina%20Moura_2011_O%20Pulsar%20de%20Meio%20S%C3%83%C2%A9culo.pdf
- Oliveira, G. (2013). O Museu como instrumento de reflexão social. *Midas*, 2. Disponível em: <https://midas.revues.org/222>
- Pachter, M. & Landry, C. (2001). *Culture at the cross roads*. UK: Comedia.
- Pratt, A. (2014). *Cities: The cultural dimension*, UK: Government Office for Science-Government's Foresight Future of Cities Project.
- Pinto, L. (2008). *Educação não-formal. Um contributo para a compreensão do conceito e das práticas em Portugal* (Tese de mestrado). Lisboa: ISCTE. Disponível em: repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/705?mode=simple
- Reeve, J. (2002). *Museus e Educação*. Instituto Português de Museus, 89-100.
- Robinson, K. (1999). *Culture, Creativity and the Young: Developing Public Policy*. Strasbourg: Council of Europe Publishing.
- Santos M, Morais, I. & Andrade R. (S.D.). *Museus como espaços de criação, educação e memória*. Universidade de Pernambuco.
- Sandell, R. (ed) (2002). *Museums, Society, Inequality*. Routledge: London and New York.
- Senha, J. (2010). *Equipamentos Culturais: que relação com os públicos? – um estudo de caso aplicado ao Castelo de São Jorge e ao Museu do Fado* (Tese de mestrado). Lisboa: ISCTE. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/2615?mode=simple>.
- Werquin, P. (2008). Recognition of non-formal and informal learning. In *OECD countries: a very*

good idea in jeopardy? Lifelong Learning in Europe, 3. Disponível em <http://www.oecd.org/dataoecd/9/16/41851819.pdf>.

Yúdice, G. (2003). *The Expendiency of Culture. Uses of Culture in a Global Era*. Durhan and London: Duke University Press.

Zipline, H. (2016). Os Museus como espaços de Aprendizagem ao Longo da Vida. Disponível em: <http://www.direitodeaprender.com.pt/artigos/os-museus-como-espacos-de-aprendizagem-ao-longo-da-vida>.